



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O PORTO DE BRACARA.

CASTRO, Domingos Leite de

Ano: 1913 | Número: 30

Como citar este documento:

CASTRO, Domingos Leite de, O Porto de Bracara. *Revista de Guimarães*, 30 Jan.-Dez. 1913, p. 23-26.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O PORTO DE BRACARA

Num livro recente, (a) do snr. José de Azevedo e Menezes—*Ninharias*, pag. 95—vem uma referencia a algumas paginas minhas, que termina d'esta maneira:

«Allude depois á estação de Aquis Celænis nestes termos: *a unica maneira d'encarrear á sahida de Braga, o itin. de Braga a Astorga «per loca maritima», é suppô-lo partindo de Vianna: Aquis Celenis, stad. CLXV (pela foz do Minho)*». E commenta: «Ha equívoco. A foz do Minho é em Caminha, e a do Lima em Vianna». E, depois d'esta liçõesinha de chorographia, mais nada. Ora, que ha equívoco é certo, não tem duvida nenhuma; mas é do auctor do reparo, não meu. Pois, se a minha supposição, talvez mais estranha ainda do que lhe pareceu, é exactamente fazer sair o *Iter per loca maritima* da foz do Lima, que necessidade tenho eu de tornar a fallar em Vianna, que é o ponto de partida? A estação immediata, 165 stadios mais adiante, pela foz do Minho, é que é para mim, nessa hypothese, *Aquis Celenis*. (b) De tudo

(a) Este artigo está em nosso poder desde a publicação do dito livro, mas, tendo sido até agora suspensa a publicação d'esta Revista, só agora pode ser publicado.

(b) Tambem a pag. 83 da mesma obra se quer que Albano Bellino tivesse dito *por milha* em vez de dizer *por passos*. Mas, verdade, verdade, porque não ha-de fallar em passos quem conta por milhas? porque não ha-de fallar em metros quem conta por kilometros?

isto, porém, o que poderá deprehender-se com mais segurança é que fui pouco claro na exposição da minha hypothese e, embora a sciencia nada tenha a ganhar com isso, como tambem o prejuizo de duas ou três paginas inuteis não é grave, aventure-se uma explanação mais ampla do caso.

O *Iter per loca maritima mpm CCVII* por onde seguia á sahida de Bracara? Contador d'Argote e a maior parte dos antiquarios levam-o a Fão, é a opinião classica; mas ha quem a combata. Bellerman leva a estação de Aquis Celenis para as proximidades de Caminha, pouco mais ou menos por onde eu tambem a figurei; o snr. Christovam Ayres leva-a a Vianna, d'onde eu fiz partir o *Iter*. Examinemos primeiro o systema d'Argote.

a) Argote foi arrastado á sua opinião pela necessidade de encontrar um trajecto *maritimo* até á 1.^a estação, visto a distancia ser contada em stadios; mas esta razão não colhe, porque chamar a um trajecto pelo rio Cavado um trajecto *per loca maritima* é sempre uma liberdade demasiado poetica. Dada pois a situação de Bracara, o que pareceria é que o *Iter* de que se trata está decapitado, que lhe falta a 1.^a estação, cuja distancia seria naturalmente contada em milhas.

b) O itinerario, que estamos examinando, é o d'uma viagem para norte, Vigo, Brigancia. Quem de Braga quizesse ir para o norte da Gallisa, num tempo em que os caminhos de ferro com subsidio kilometrico nem ainda na tinta estavam, difficilmente se lembraria de traçar a sua estrada por Fão. Caminhando directamente até á foz do Lima, poupava cerca de duas leguas de viagem e embarcava logo com qualquer tempo por assim dizer.

c) A estrada de que se trata parece ser o troço terminal d'uma outra, que vem d'Astorga, ou de mais longe, e da qual não ha marcos milliarios; portanto provavelmente pre-romana e certamente muito

frequentada, como estrada de penetração commercial no noroeste da Hespanha. Sendo assim, não é crível lhe dessem uma entrada por mar só francamente aproveitavel, e na melhor das hypotheses, em tempo de inverno, o menos proprio para viagens, como será o trajecto pelo Cavado; nem que o morgado de Pouve pudesse nunca ou mesmo quizesse (e muito menos no seculo XV, em plena epocha de resurgimento marítimo) tolher com as suas azenhas de Maresses a navegação do rio.

d) Se, admittidas estas duvidas quanto á travessia fluvial, se quizer appellar para a hypothese d'uma estrada terrestre, mais ou menos ao longo e á margem do leito do rio ás difficuldades expostas accresce a do augmento do encommodo, seria necessario explicar, porque razão a um caminho directo era preferido o mais longo, ao mais facil o mais difficil.

O snr. José de Menezes lembra os nomes de *bouça da Barra* e *Porto de Mortim*; mas esses nomes de Barra e Porto são vulgares no interior, nada podem provar. Quanto á Furada, que vem do rio *furar* o quer que seja, e o *canal de ligação* inventado de *toutes piéces*, e o rio Torto a dar essa ligação á sahida de Braga, como ponto de partida d'uma viagem para os mares da Gallisa, parecem-me como seixos rolados com que a gente, á falta de melhor material, pensasse construir um edificio, que á primeira rajada de vento se esborôa.

Posta pois de parte a identificação de Aquis Celenis e Fão, a que nos havemos nós de soccorrer para lhe fixar a situação? E' facil em parte, desde que ha um ponto certo tão proximo como Vicus Spacurom, Vigo. Vejamos. Da estação de embarque, estação X, a Aquis Celenis ha 165 stádios de distancia; d'esta a Vigo 195; ao todo 360, ou seja 66.600 metros, á razão de 185 por stadio. Esta distancia, medida pelo littoral, de Vigo para sul, leva exactamente á foz do Lima, que ficaria sendo a estação X, o ponto de partida da jornada. Medindo agora da foz do Lima para norte á procura de Aquis Celenis, 165 stádios, ou de Vigo para sul 195, encontramos-nos sempre na Punta Basar. Ficaria ahí a estação que se procura? Duvido; mas deve estar por perto. Eu imagino-a pelas margens da foz do Minho, como as outras estações para norte,

Vigo, Pontevedra, *Grandimiro*, sempre ao fundo d'amp-las bahias.

De que maneira ha-de agora entender-se a estação anonyma da foz do Lima, como ponto de partida d'uma viagem para o norte da Gallisa, num itinerario que se diz de Bracara? Não vale isto o mesmo que collocar Bracara na foz do Lima? Foi exactamente essa a minha hypothese, que o snr. José de Menezes não attin-giu por ler muito por cima. Occorrera-me o celebre verso d'Ausonio nas *Claræ Urbes*:

Quaeque sinu pelagi jactat se Bracara dives.

Como é que Ausonio, poeta illustre e pedagogo do imperador Graciano, natural de Bordeus, portanto conhecedor directo das condições maritimas do occidente, escrevendo dois seculos depois da data possivel da organização dos Itinerarios, vem ainda dizer-nos que *Bracara ostenta as suas riquezas á beira do mar?* De certo a Ausonio affigurava-se-lhe Bracara na foz do Lima, provavelmente em conformidade com a propria expressão dos maritimos, que, embarcando ou desembarcando ahi passageiros ou mercadorias de ou para Bracara, a primeira cidade afamada da região, que foi o convento bracaro augustano, conheceriam esse porto como o porto de Bracara e assim elle seria denominado por toda a marujada e traficantes do occidente. D'aqui a conceber Bracara na foz do Lima vae uma distancia incalculavelmente menor do que as sete leguas, que realmente as separavam. Esta hypothese tem ainda a vantagem de até certo ponto explicar a collocação que Ptolomeu dá a Bracara nas margens do rio Minho e quasi na sua foz. Não esqueça que essa geographia está ahi toda alterada, principalmente pela suppressão do Cavado. Isso faria com que Bracara fosse para a entrada do Minho em vez de ficar pela entrada do Lima, por exemplo.

Esta foi e é a minha hypothese; mas, como ella é só minha, posso dispor d'ella, e dou-a pelo seu valor... á vontade do freguez.